Tiamat-World apresenta:



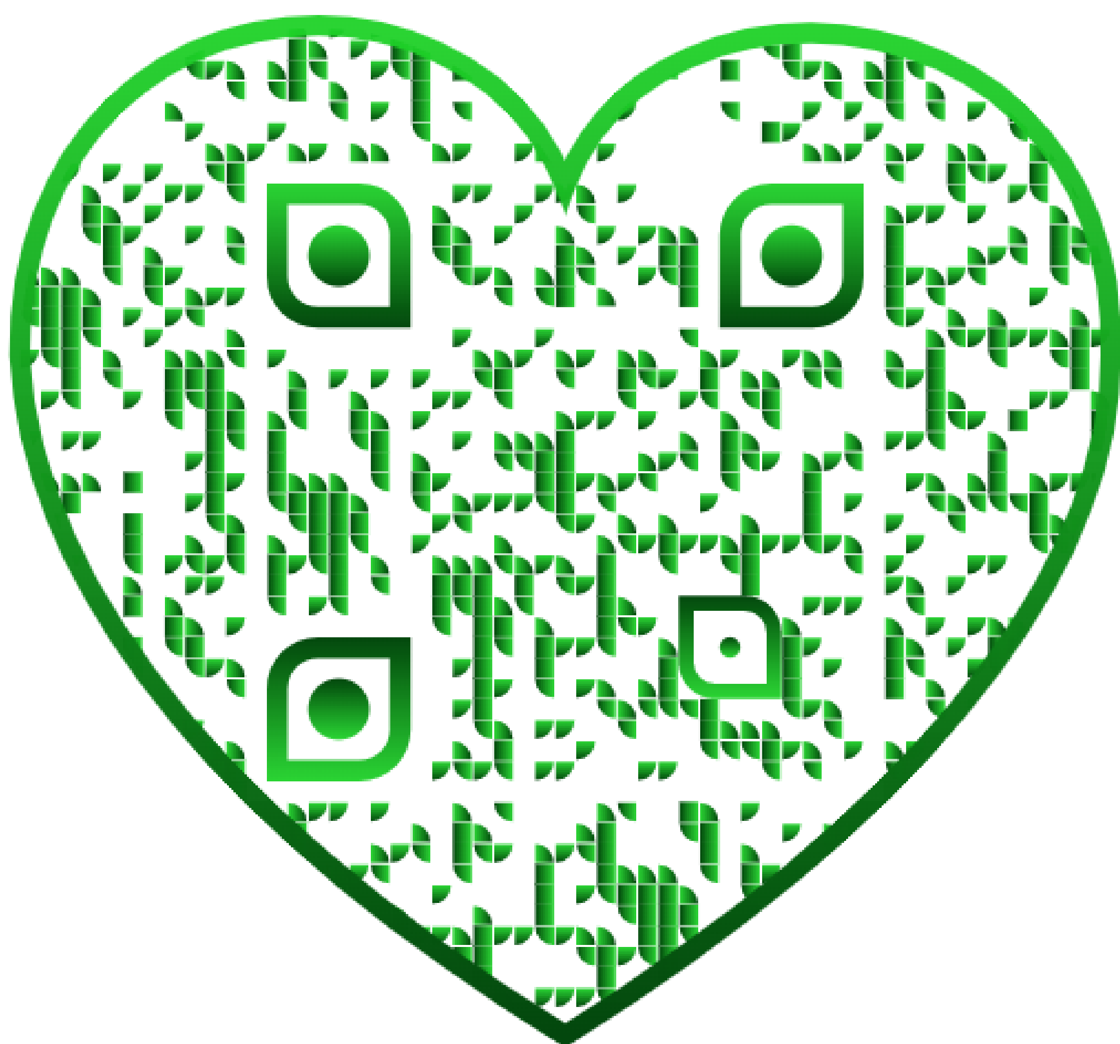
Ann Jacobs

O Melhor Presente

(The Best Gift)

Gravemente ferido nos últimos meses da guerra Civil, Giles retorna para casa na Nova Inglaterra, e está esperando um matrimônio que arrumou para proporcionar a sua filha uma mãe. Preocupado que sua velha amiga Laura possa rechaçar ao ver a magnitude de suas feridas, ele encontrará o melhor presente de todos, seu amor e aceitação apesar de suas imperfeições.

Disp em Esp: *MR*
Envio do arquivo: *Gisa*
Revisão: *Cris Reinbold*
Revisão Final: *Karla Costa*
Formatação: *Greicy*
Tiamat - World



Comentário da Revisora Cris Reinbold: Tinha tudo para ser uma super história, pena foi tão pequena.

Comentário da Revisora Karla Costa: Concordo Cris! Uma história tão interessante, mas tão curtinha... pena mesmo.

PRIMEIRA PARTE

O Lago do Povo, Redmond, New Hampshire,
15 de Dezembro de 1865.

Casa. Até que passou três invernos no Sul combatendo, Giles Redmon nunca apreciou corretamente o inverno em sua casa na Nova Inglaterra. Satisfeito com os acertos que fez para continuar com sua vida agora que estava finalmente em casa, inalou o seco e frio ar fragrante com o aroma de fumaça de lenha e árvores de sempre vivas e observou os primeiros grossos flocos de neve da manhã na terra no outro extremo dos troncos cansados onde estava sentado na borda do gelo.

Kathryn seria boa para a Laura, pensou enquanto visualmente seguia o progresso de sua filha e a mulher com quem logo se casaria em torno da cristalina extensão do congelado lago.

Não teria que se preocupar mais com o que aconteceria a sua única filha se suas feridas resultassem fatídicas, apesar de todas as garantias dos doutores do contrário. Em troca dessa paz em sua mente, poderia dar a Laura a segurança de seu nome, ativos e amparo, que não era um insignificante prêmio para uma nada feminina mulher que era da idade dele e ficou atrás no seu momento no mercado matrimonial. Entretanto, Giles repreendeu a si mesmo, porque apesar de que ele assegurou a sua noiva ela não precisaria compartilhar sua cama se suas feridas a repulsavam, ele carecia da fortaleza de ânimo para explicar o grau de suas lesões.

Trocou de postura em sua improvisada cadeira, esperava que a neve amainasse. Se não fazia, Laura se inteiraria antes de suas bodas, sem que ele o dissesse, que perdeu parte de sua perna esquerda.

Caminhar em terra firme desafiava no melhor dos dias. Giles imaginava que manobrar

através de uma manta de neve com só uma bengala para ajudar a manter seu equilíbrio seria quase impossível.

Mas não queria antecipar os problemas. A sociedade que criou com seu amigo de infância, Albert Harper, estava funcionando bem. Bert dirigia o trabalho de campo enquanto Giles assumiu todos os deveres de um banqueiro que podiam ser feitos dentro de um escritório. O acerto matrimonial que fez com Laura Wakefield, outra amiga de infância, resolveria igualmente bem.

Do outro lado do lago congelado, Laura olhou além dos flocos de neve, muitos casacos escuros de moradores girando velozmente em prateadas lâminas de patim por volta do homem com o que justo ontem aceitou casar-se.

O homem a quem amou em segredo desde que eram companheiros de classe na única sala da escola atrás do armazém geral de seu pai. Kathryn, a filha de Giles apertou sua mão, recordando a Laura à razão de suas próximas núpcias.

O matrimônio seria de conveniência, não o matrimônio por amor que ela sonhou durante anos nas frias noites de inverno. Sonhou dançar no gelo com Giles na primeira festa de patins da temporada. Observando cair à neve enquanto se abraçava com ele sob uma manta de pele em seus joelhos em um trenó de um cavalo. Escutando o tilintar dos sinos do trenó, o forte bater do coração dele. Afligia-se em silêncio pelas tolas fantasias infantis que nunca se fariam realidade, apesar de que seria sua esposa.

Laura sacudiu seu sentimento de melancolia. Era um tempo para celebrar, o primeiro inverno em quatro anos que os moradores tinham vontade de celebrar as próximas férias sem o espectro da preocupação por seus filhos e maridos enfrentando-se com os Rebeldes em campos de batalha longínquos. Uma época para dar obrigado por quantos soldados Deus perdoou para retornar a seus entes queridos.

Giles foi um dos últimos a retornar para casa, e antes de sua chegada o último mês, Laura escutou rumores de que sofreu terríveis feridas, feridas que estiveram a ponto de lhe matar. Quando ele chegou a ela ontem com sua proposta, ela se exaltou em primeiro lugar, depois ficou chocada. Sim, sempre o amou, mas estava segura que nunca deixou que nem uma alma em Redmond soubesse. Depois de tudo, todo mundo teria pensado que Laura estava louca se tivessem sabido que ela, a filha de um lojista, aspirava casar-se com o único filho da primeira família de Redmond.

Entretanto, não foi capaz de rechaçar. Não o amando da maneira que fazia. Inclusive quando deixou claro que assegurar o bem-estar de sua única filha era a única razão pela que a tomava como sua esposa, Laura não teve vontade para rechaçá-lo.

O anel de rubi e diamante que Giles deslizou em seu dedo para selar seu acerto era frio sob sua luva de lã. Enquanto que ela e Kathryn patinavam para ele, Laura tentou silenciar o frio que penetrava através de suas roupas de lã. Um frio que tinha pouco que ver com o vento do norte que açoitava os flocos de neve através do ar e muito com o medo dentro de seu coração. O medo que não importasse quanto amasse a Giles Redmond, ela nunca seria capaz de afastar a pena e a melancolia da alma dele.

SEGUNDA PARTE

Casa dos Redmond.
21 de Dezembro de 1865.

Na manhã de suas bodas, Giles se sentia tudo menos alegre. Sua perna tinha uma dor aguda, martelos golpeavam em sua cabeça, e chutou a si mesmo por pensar que o matrimônio seria a melhor maneira de garantir a segurança de sua filha.

O pessoal de serviço pôs sua casa de cabeça para baixo, pendurando grinaldas de azevinho em cada chaminé, colocando visgo em cada porta, e preparando suficiente comida para alimentar metade dos pobres de Boston. Deteve-se na porta de entrada do salão, apoiou-se em sua bengala e olhou fixamente a árvore de Natal de dez pés de altura que Kathryn escolheu ontem quando ela e Laura foram dar um passeio pelo bosque.

Em uma hora, prometeria amar, honrar e respeitar a uma mulher que sabia dele menos inclusive, que ele dela. Apoiou-se em sua bengala, girou-se e dirigiu lentamente às escadas. Escutando a risada infantil de sua filha depois da porta do quarto de Kathryn recordou porque seu matrimônio aconteceria, e os felizes sons levantaram seu espírito.

Giles observou através da janela de seu quarto uma procissão de cavalos com sela, pôneis puxando carros, inclusive algumas almas valentes caminhando neste dia claro e frio. Apressar-se-ia a se vestir, para que quando os convidados chegassem, ele estivesse nas escadas para dar boas-vindas. Afastando-se, entrou com dificuldade no closet. Usando uma roupa que não fosse de luto ou os uniformes de cavalaria que compuseram seu guarda-roupa durante os últimos três anos se sentia estranho pensou enquanto colocava um colete de seda cinza discretamente bordado em cor borgonha e verde bosque. As cores brilhantes recordavam as festividades da temporada natalinas, e a razão pelo que se sentia tudo, menos alegre.

No andar de baixo, a decoração sugeria um sentimento de alegria e esperança que Giles não podia permitir-se sentir, mas fingiu para as boas pessoas de Redmond enquanto esperava sua noiva.

Então a viu. Seu cabelo castanho arrumado em cima de sua cabeça sob um véu de tênue renda, Laura colocou um vestido de cintura alta da cor das presas de elefante. Suas rodeadas linhas acentuavam sua fina figura, seu baixo e quadrado decote revelava para cima o inchaço de seus cremosos peitos. A fita verde em um ramo de azevinho que ela levava acentuava a cor de seus olhos. Pela primeira vez, Giles encontrou a si mesmo esperando mais que temendo que ela decidisse olhar além de seus defeitos e chegasse a ser sua esposa de verdade além de ser só de nome.

Laura encontrou com o olhar de seu noivo quando ela tomou sua mão diante um improvisado altar. Era ilusão ou ele parecia menos formal hoje? A palma dele estava quente contra seus dedos, e os lábios dele se curvavam para cima em um meio sorriso que iluminava seu formoso rosto. Ele repetiu seus votos em uma voz forte e profunda que ela encontrou hipnótica, e depois repetiu os seus, ele se inclinou e a beijou brandamente nos lábios.

Depois Kathryn os uniu. Laura já amava a menina. Enquanto ela saudava os convidados com sua nova família, o calor se expandiu em seu interior. Calor que esteve ausente em sua vida anterior. No ardente fogo da chaminé do salão, no piscar dos abajures de gás em seus braços de metal, nos sorridentes olhos de amigos e vizinhos, Laura viu motivo de celebração. Aqui, com o homem com que acabava de casar-se, podia celebrar o final da guerra, o começo de uma nova vida.

Em uns poucos dias celebrariam o nascimento do Menino Jesus. Laura observou a Kathryn olhar atentamente a estrela que coroava a grande árvore de folha sempre viva situada no canto. Centenas de velas cintilavam entre seus ramos. Fizeram fitas de pipocas e mirtilos[1] ontem, e as penduraram junto com dezenas de deliciosas bolas de cristal sopradas que a babá de Kathryn disse que a mãe de Giles trouxe de sua viagem de lua de mel em Paris.

—A senhora foi presa sobre o visgo, Sra. Redmon, — disse Giles mais tarde quando ela desceu depois de ajudar à babá a colocar Kathryn na cama.

Ele provou o ponche de rum quente e o bolo de casamento, e um beijo, embora breve, fez que seus sentidos se desequilibrassem. Qualquer medo que seu marido tivesse sobre se despir diante dela, ela esqueceu por essa noite.

—Eu gostaria de ser sua esposa de verdade, — murmurou em seu ouvido, e seu coração pulsou forte.

Ele assentiu com a cabeça, mas sua expressão indicava que não estava disposto a tomar a palavra. Não importava. Se tivesse que fazê-lo, lançar-se-ia sobre ele. Forçando um sorriso, voltou sua atenção a seus hóspedes.

Aparentemente nunca deixava para traz, mas quando o sol se deslizou entre as árvores, Laura finalmente se encontrou a sós com Giles. Estavam parados na porta aberta da entrada, saudando o último de seus convidados e olhando os esporádicos flocos de neve amontoando-se no escuro céu.

A mão dele se apoiava na cintura dela, quente e sólida, e o calor de seu corpo afugentou a frieza do dele. Sorrindo, ela fechou a porta e girou entre seus braços.

— Beije-me.

Com as mãos apoiadas nos ombros dela, ele falou brandamente, sua respiração provocava que seu véu se agitasse contra sua bochecha.

—Está muito segura de que o quer, Laura, porque se dermos esse passo, não haverá volta atrás.

---

[1] *O mirtilo, também conhecido como arando ou uva-do-monte, ou Bilberry, é um arbusto que pertence à família Ericaceae (família da azálea). As plantas são arbustos de pequeno porte que crescem em sub-bosques de florestas temperadas na Europa.*

—Sei. Desejo ser sua esposa.

Ele sorriu, e quando a beijou esta vez, roubou o fôlego, mas este não foi um beijo brincalhão, não o fechamento dos solenes votos. Este beijo foi carnal, apaixonado, uma fusão de lábios e línguas, e de corpos quando ele puxou-a contra ele, deixando-a sentir a força de seu desejo.

Quando ele se separou, gemeu.

—Vai se preparar. Eu irei a ti. —Como se não estivesse seguro de dizer algo mais, deteve-se. —Lembra Laura, este desejo é teu. Pode achar minha visão repugnante, porque como adverti, já não estou inteiro.

Em seu closet, Giles tirou seu traje de bodas. Como de costume, tentou não olhar às cicatrizes que danificavam seu corpo, ou ao membro artificial que o fabricante assegurou que deixaria ocultar a parte inferior perdida de sua perna esquerda para todos exceto para os mais ardilosos observadores.

Teria que haver dito a Laura diretamente pensava enquanto se sentava e afrouxava as correias que sujeitavam de forma segura o aparelho ao coto sob seu joelho. A vista o pôs doente. Repeliria a qualquer um, especialmente a uma mulher doce e virgem que experimentasse de primeira mão os horrores da guerra. Por que cedeu, expondo-se ele mesmo à mortificação que sabia que sentiria quando ela o rechaçasse?

Sabia por que. Luxúria. Necessidade nascida das largas noites de solidão, alimentada pela visão de sua noiva, doce e exuberante no velho vestido de noiva de sua avó. Giles amaldiçoou a si mesmo e amaldiçoou o rebelde que disparou e não terminou seu trabalho de acabar com ele.

Tudo o que podia fazer era levar isto ao fim. O olhar de horror de Laura silenciaria o desejo vermelho vivo que ardia em seu ventre. Giles encolheu os ombros em seu escuro robe azul marinho e esteve perto de cair enquanto fechava o cinturão.

—Maldito seja o inferno. —Agarrou um par de muletas e dirigiu com passos pesados para o corredor. Laura poderia aceitar ou lhe deixar. Estaria condenado se tratava de ocultar por mais tempo ao coxo em que se converteu.

Ela escovou seu cabelo até que estalava, colocou e tirou sua bata de renda a jogo com a camisola verde e branca, passeando pelo amplo tapete oriental, e contado cada repetição de frutas e flores ao longo de seus lados. Laura olhou pela janela a neve que caía brandamente e desejou homem que despertou seus sentidos não fazia muito tempo.

Seu marido.

Viria a ela como prometeu? Ou teria ficado aborrecido com seu atrevido convite? Um apagado som de golpes a fez girar-se para cama. Voltou-se mais forte, a seguir parou substituído por um curto golpe na porta.

Giles estava parado na soleira da porta aberta, seu escuro cabelo revolto como se tivesse sido penteado com fortes e descuidados dedos. Seus escuros olhos refletiam a débil luz do abajur de óleo junto à cama, e Laura leu esperança e medo, paixão e desespero em sua expressão. O calor se concentrou em seu ventre.

Como podia pensar que ela encontraria algo repulsivo nele? Laura atravessou a habitação,

elevou suas mãos aos ombros dele, sentiu sua força sob o suave tecido de seu robe.

—Entra. —Respirando a mescla de aromas de brandy e fresca carne masculina, acariciou com seus lábios através de seu duro e musculoso pescoço.

Ele soou rouco, como se as palavras chegassem com dificuldade.

—Vamos nos sentar na cama…

Confundida mas disposta, Laura obedeceu. Quando empilhou quatro grossos travesseiros de ganso contra a cabeceira finamente esculpida, deu a volta ao edredom e se sentou. Nervosa, deu umas tapinhas ao espaço junto a ela.

Então se deu conta. Ele estava utilizando muletas em vez de sua bengala de ébano e só um pé descansava sobre o gentil chão de madeira nobre. Quando se encontrou com seu olhar, ele sorriu com o sorriso mais triste que Laura jamais viu. Depois se pôs a andar através da habitação e se sentou junto a ela, agarrando firmemente suas muletas como se assim facilitasse uma rápida retirada.

—Adverti-te que não estava inteiro. Devia ter revelado isto antes…

—Silêncio. —Laura jogou um lado a prega de seu robe e descobriu um retorcido coto de cicatrizes justo sob seu joelho esquerdo. —Deve doer terrivelmente. —Determinada a demonstrar que não encontrava nenhuma parte dele menos agradável que o resto, estirou a mão e acariciou especialmente um hematoma de mau aspecto.

—Estive de pé e caminhando muito hoje.

—Como…?

—Um soldado rebelde.

Laura pôs um dedo sobre seus lábios.

—Quero dizer, como consegue mover tão bem? Nunca imaginei.

Ele agarrou sua mão, contou-lhe sobre os meses de cura e terapia, de sua busca de um membro artificial que permitisse mover-se e parecer inteiro aos eventuais observadores.

—Não desejo compaixão. Deus sabe, tenho bastante disso por mim mesmo sem ter que suportar as olhadas pormenorizadas de outros, — disse enquanto limpava a lágrima que ela sentiu cair por sua bochecha. —Ou as lágrimas de minha noiva.

Ela apoiou uma mão sobre sua suave barbeada bochecha, a outra contra seu musculoso peito.

—Não sinto nenhuma compaixão, Giles. Só amor.

Como se estivesse procurando a verdade, ele encontrou seu olhar, sustentando-a durante um comprido e silencioso momento.

—Amor?

Com seu coração pulsando com força em seu peito, ela assentiu. A seguir ficou de pé e levantou sua camisola sobre a cabeça.

Como podia ter pensado alguma vez que não era atrativa? Com sua garganta seca, Giles olhou seu próprio traje, a seguir se despojou de seu robe. Quando ela entrou em seus braços, o último de seus medos diminuiu.

Durante muito tempo passou fome. Agora oferecia um sensual banquete, e deu rédea solta a sua necessidade de abarrotar-se a si mesmo. Se isto era um sonho, ele não queria despertar até que se afogou no doce mel de sua boca, aspirou seu aroma de rosas e desejo, explorou cada centímetro de seu delicioso corpo com suas mãos e sua língua. Sentia-se na glória com cada um dos suspiros dela, saboreava seus gritos de realização e amortecia seu próprio grito triunfante contra a acetinada pele úmida e salgada pelo esforço de sua dança carnal.

Como podiam suas calosas mãos acariciar tão brandamente, marcá-la como sua e ao mesmo tempo fazê-la sentir que era a vencedora? Laura tinha sonhado com sua noite de núpcias, mas os sonhos empalideciam em comparação com a realidade da hábil sedução do Giles. Sua pele formigou quando ele a tocou, recordando como se sentiam os flocos de neve contra a pele nua como fragmentos de fogo concentrando-se na parte baixa de seu ventre.

Ele a seduziu, e ela a ele, como um fogo crepitando na chaminé e a neve caindo brandamente de um céu iluminado pela lua. Na distância, o sino de uma igreja dobrou a hora enquanto ele se ajoelhou entre suas pernas e os fez um. Depois de que as chamas dentro deles alcançassem seu ponto máximo e descendessem, ficaram tendidos, seus membros entrelaçados, seus lentos e regulares batimentos do coração os únicos sons no silêncio da noite.

Giles despertou com as primeiras luzes, contemplou o céu invernal sobre uma cabeça de cabelo castanho alvoroçado que descansava sobre seu ombro. Ela estava tombada contra ele, em forma de colher, e quando ela se aconchegou mais perto, seu sexo despertou. Ele piscou. Isto não era um sonho, mas sim Laura e era muito real. Amava assim, sem nenhuma contenção.

Ela dormia aparentemente alheia a que embalava sua destroçada perna entre suas suaves, lisas coxas. Giles esperava a forte dor fantasmal que lhe saudava cada manhã desde que saiu de uma nuvem de morfina para saber que sua perna se foi. Nada. Nada, a não ser o calor, e a sensação da excitação de Laura. Sua esposa.

Esperou um acerto passível e uma mãe para sua filha, encontrando o céu em seu lugar.

Enquanto Giles acariciava o sedoso cabelo da Laura, agradeceu a Deus pela inesperada bênção de seu amor.

Pela primeira vez desde que deixou Redmond pelo exército, afastando-se de sua dor, Giles desejava um novo dia e uma nova vida cheia de esperança que ele acreditava ter perdido para sempre.

Enquanto despertava a sua mulher com um tenro beijo, Giles compreendeu que era o momento de deixá-la saber que ele a amava, também.

FIM

SOBRE A AUTORA:

Ann Jacobs, cujos pseudônimos são também: Ann Josephson e Sara Jarrod, gosta de heróis Alfa e finais felizes. O romance erótico, para ela, é a combinação perfeita de sexo e sensualidade, a implicação emocional profunda e o permanente compromisso das fantasias das mulheres que com

frequência são difíceis de alcançar, mas raramente atingem.

Foi publicada pela primeira vez em 1996, a partir daí Jacobs vendeu mais de cinquenta livros e novelas. Atualmente está nomeada para o Romantic Times por sua excelência no romance erótico. Três de seus livros foram traduzidos e vendidos em vários países europeus.

É uma ex-gerente financeira, agora escreve por tempo integral, com a ajuda do Mr. Blue, o gato da família que às vezes gosta de deitar no dorso da cadeira do escritório e expressar seus sábios conselhos. Adora escutar a seus leitores.



Comunidade: http://www.orkut.com.br/Community?cmm=94493443&mt=7

Grupo: http://groups.google.com.br/group/tiamat-world?hl=pt-BR

Blog: http://tiamatworld.blogspot.com/